

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
XVII EREGEO – ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA
Eixo temático: Escola, relações de poder, ensino e formação docente
OS SABERES DO CERRADO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Jefferson Rodrigues de Brito
Discente do curso de Mestrado do PPGE / Câmpus Cora Coralina-Cidade de Goiás.
Email: jeffersonbrito4036@gmail.com

A Escola é vislumbrada como uma instituição responsável pela formação da sociedade. Apresentando um meio bastante eficaz na reprodução e perpetuação de discursos, neoliberais, tornando-se alvo de disputa. Desta forma o ensino é um elemento de formação social, capaz de moldar os indivíduos de acordo com os preceitos de quem detém o poder. Assim, “todo saber assegura o exercício de um poder e estes também se configuram dentro do espaço escolar, coexistindo em relações conflituosas. (Silva; Oliveira, 2014).

Ao delinearmos os saberes geográficos, vislumbremos que ela se constitui de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A docência não pode ser resumida simplesmente a mera investigação de questões relacionadas com o saber geográfico escolar, é de extrema necessidade o uso do método dialético e o domínio de conteúdos na perspectiva da ciência geográfica. É que se considere, além disso, a relação entre essa ciência e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos em suas características físicas, afetivas, intelectuais e socioculturais, além de investir nas formas de promoção da democracia, da vida, da justiça e da igualdade social. (Cavalcanti, 2007).

Nesta busca pelo saber geográfico, a escola torna-se alvo de um jogo de poder, em que as ações dos sujeitos que a compõem muitas vezes são contraditórias e são essas ações que balizam a luta por esse espaço. As ações mais sutis que ocorrem neste ambiente estão repletas de significados, que exprimem os interesses de uma determinada face do poder.

É inegável dizer que a cultura do povo goiano se desenvolveu caminhando pelos relatos dos viajantes, cronistas, governadores, historiadores e pesquisadores. Goianos, fruto de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu (Chaul, 2011) herdando um espaço de imensa geodiversidade no coração do Brasil.

Neste cenário é pertinente considerar que o ensino de geografia do Cerrado, precisam ser mais plausíveis a realidade dos alunos e da sociedade em geral, já que toda estrutura escolar

em si é impregnada por componentes que tendem a reproduzir as relações sociais de produção, exercendo condições necessárias para o individualismo e a competição. O currículo elaborado pelo Estado traz em sua conjuntura não somente conteúdos e métodos para suas aplicações e avaliações, mas está carregado por práticas e valores que interessam a um grupo social e estão no centro das relações de poder existentes na Escola. (Silva; Oliveira, 2014).

Assim, situações problemáticas do cotidiano da escola, dos alunos e das relações de poder, devem constituir-se em objeto de estudo da Geografia e, por conseguinte, serem trabalhadas na sala de aula. Uma das principais funções atribuídas a escola é a da mesma como reproduutora do sistema capitalista, que reflete as desigualdades na sociedade. Atua no interesse da estrutura de dominação estatal e, em última instância, no interesse da dominação de classe. Essa dominação não se dá por via direta, através da aplicação explícita da violência, mas de maneira disfarçada com o consentimento dos indivíduos que sofrem a violência da “ação pedagógica”. (Freitag, 2005 p. 64).

Como dizia o pensador francês Michel Foucault, a escola é o espaço onde o poder disciplinar produz saber. Os efeitos do poder se multiplicam na rede escolar devido a cada vez maior acumulação de novos conhecimentos adquiridos a partir da entrada dos indivíduos no campo do saber. (Tragtenberg, 1985).

Nesta faceta, o estudo dos saberes do Cerrado no ensino de Geografia tem como objetivo, colocar de forma mais plausível aos alunos as tendências que existam no “mundo de fora”. Entender os reais interesses capitalistas sobre o domínio do Cerrado, ameaçado constantemente pelo agronegócio e a ganância desenfreada pelos que detém o poder. Além de buscar ações dos gestores e governantes, juntos as escolas e universidades, possibilitando ações que permeiem não somente conhecer esse domínio mas corroborar em seu uso racional e consciente pela população, desenvolvendo uma postura crítica frente aos interesses capitalistas, buscando incrementos na renda das comunidades tradicionais, (indígenas, quilombolas, raizeiras, quebradeiras, pescadoras artesanais, geraizeiros, vazanteiros, permitindo colocá-lo como tema de importância no ensino de Geografia, dialogando essa realidade dentro da escola, em apresentações culturais, debates, seminários e exposições, sendo um passo fundamental para reverter o processo de destruição e os impactos socioambientais decorrentes. (Marcelo Bizerril, 2021).

É mais que um dever buscar com mais clareza sobre a realidade de mundo, onde homens e mulheres ainda estão presos ao senso comum, incorporando fragmentos de uma

ideologia que lhe são impostas, tarefa essa para a Geografia que precisa possibilitar a leitura de mundo, desvelando efeitos de verdade, redescobrindo significados, desnudando imagens e recuperando identidades. (Perez, 2001).

Este hotspot fundamental na América do Sul, pontado como último grande “celeiro agrícola” mundial, tem apresentado uma profunda transformação na paisagem da região originalmente ocupada pela exploração do ouro e mais tarde pela pecuária de corte, cedendo mais da metade de sua área nativa para a formação de pastagens e de gigantescas monoculturas. (Marcelo Bizerril, 2021).

O Cerrado, não há dúvida, se tornou um tema geográfico – e de vários campos de saber; é uma bandeira política, um item da política pública, uma causa de vários movimentos sociais e culturais. Diante disso, nos cabe sempre – interrogar os modos de sua representação, de exploração, pilhagem, degradação e extinção de espécies, povos, memórias, saberes e culturas. Considerá-lo, nas suas várias dimensões, como um sistema biogeográfico; como um território que não se separa do sistema biogeográfico; como lugar atravessado por relações políticas, sociais, culturais e como dimensão geopolítica. (Chaveiro, 2010).

A metodologia parte do princípio dos conhecimentos das vivências e experiências dentro da sala de aula pelos professores em escolas públicas, particulares e as de cunho cívico-militar no Estado de Goiás que na maioria das vezes, associam o Cerrado em livros a termos como produção, desenvolvimento e agropecuária, ignorando sua devastação, biodiversidade, desequilíbrio ecológico, belezas naturais e populações tradicionais. Sendo necessário mostrar o real significado desse domínio referente às suas condições naturais, seus saberes vernaculares, tradições, território, agregação de valores, simbolismo e identidades de pertencimento, produzindo informações mais coerentes a realidade local. Através de relatos e análises de entrevistas com alunos nas escolas da zona rural e urbana, dos relatos de camponeses da agricultura familiar em feiras locais e alguns assentamentos, pretende-se ampliar e divulgar está pesquisa nas escolas e universidades dentro do ensino de geografia.

Há séculos, os povos indígenas e comunidades tradicionais, com base no intenso conhecimento sobre este domínio, buscam gerar emprego e renda com alternativas de manejo do ambiente natural com as populações locais, abrangendo o pequeno e o médio produtor. Ao mesmo tempo, os relatos e análises mostram que esses saberes tradicionais vão se transformando, sendo desenvolvidos e continuamente testados, adaptados e reinventados por meio do manejo consciente das paisagens, ao longo de inúmeras gerações, e por isso mesmo

são resilientes, diversos e apropriados a cada lugar. (Aguiar; Lopes, 2020).

Consideremos a final que cada aluno possui uma gama de conhecimentos adquiridos na sua vivência socioespacial e de que quando se envolve o aluno com suas experiências, considerando sua realidade, pode-se chegar a um melhor entendimento dos conhecimentos em Geografia, queremos entender como essas vivências sobre os saberes do Cerrado são mobilizadas pelos professores/alunos na educação geográfica. Nessa perspectiva, contribuir para desmistificar como essa prática está presente nas unidades escolares e de que forma ela pode tornar o processo de ensino-aprendizagem na Geografia mais eficaz. A possibilidade de desvincular saber de poder, nas escolas, que reside na criação de estruturas de organização horizontais onde professores, alunos e funcionários formem uma comunidade real. Isso demanda lutas, vitorias setoriais e derrotas também. A autogestão da escola junto aos alunos é a condição de democratização do ensino. (Tragtenberg, 2014).

Diante de uma organização territorial que o avanço da ciência e da tecnologia torna cada vez mais complexo, importa conhecer a lógica profunda das ideias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que o ensino geográfico tem perpassado sobre os saberes do Cerrado. Milton Santos discuti esse espaço como morada dos seres humanos produzido como fruto do trabalho de forma coletiva no qual a geografia busca dar explicações para sua dinâmica e complexidade, carregada de uma herança construída no tempo e no espaço através de lutas onde os lugares se configuram numa ordem social com exercício da busca pela existência plena. (Santos, 2001, p.114).

REFERÊNCIAS

BEZERRA, R. G.; SUESS, R. C. Abordagem do bioma cerrado em livros didáticos de biologia do Ensino Médio. *Rev. HOLOS*, v. 1, n. 29, p. 223-242, mar. 2013. Disponível em: <https://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/3-201098-O-Cerrado-No-Ensino-De-Geografia-Experi%C3%AAncias-De-Campo-No-Est%C3%A1gio-Supervisionado.pdf> Acesso em: 27 ago. 2024.

BEZERRA, Rafael Gonçalves; SUESS, Rodrigo Capelle. Abordagem do Bioma Cerrado em Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Campus Formosa e bolsista do PIBID CAPES/IFG. Universidade Estadual de Goiás. Unidade Universitária de Formosa.

BIZERRIL, Marcelo **O cerrado para educadores(as):** sociedade, natureza e sustentabilidade. São Paulo: Editora Haikai, 2021. 116 p.

BIZERRIL, Marcelo. **O cerrado para educadores(as):** sociedade, natureza e

sustentabilidade. São Paulo: Editora Haikai, 2021 p. 5.

CAVALCANTI, Lana Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 09-158.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, **Educação geográfica: teorias e prática docentes.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 66-78.

CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do Goiano. **Cienc. Cult.**, vol. 63, n. 3 São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252011000300016>. Acesso em: 21. fev. 2025.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene C. M. A. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: CASTILHO, D.; PELÁ, M. (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares.** Goiânia: Vieira, 2010. p. 15-34.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade.** 7. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2005.

Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais / editores técnicos Fábio Gelape Faleiro, Austeclinio Lopes de Farias Neto. – Planaltina, DF: Embrapa Cerrados; Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal. Leituras do mundo/Leitura do espaço: um diálogo entre Paulo freire e Milton Santos. In: GARCIA, Regina Leite (Org.) **Novos olhares sobre a alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-122.

SANTOS, Diana Aguiar Orrico; LOPES, Helena Rodrigues. **Saberes dos povos do cerrado e biodiversidade [livro eletrônico]** (Orgs.) 1. ed. Rio de Janeiro: Brasil, 2020. Acesso em 31 de março de 2025
<https://campanhacerrado.org.br/images/biblioteca/Saberes%20dos%20Povos%20do%20Cerrado%20e%20Biodiversidade.pdf>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2001.

SILVA, Micaelle Amancio; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. Relações de Poder na Escola: Território de Conflitos. **Anais...** VII CBG - CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. Vitória/ES 2014.

Tragtenberg, Maurício. **Relações de poder na escola.** Lua Nova: Revista de Cultura e Política. 1985, v. 1, n. 4, pp. 68. Acesso em 31 de março de 2025.